

---

## FIAT LUX! UMA REFLEXÃO ESTÉTICA E SOCIAL DO IMAGINÁRIO NEOBARROCO, NEOPOP E DIGITAL NO BRASIL DO SÉCULO XXI

FIAT LUX! AN AESTHETIC AND SOCIAL REFLECTION OF THE IMAGINARY  
NEO-BAROQUE, NEOPOP AND DIGITAL IN BRAZIL OF TWENTY-FIRST  
CENTURY

¡FIAT LUX! UNA REFLEXIÓN ESTÉTICA Y SOCIAL DEL IMAGINARIO  
NEOBARROCO, NEOPOP Y DIGITAL EN EL BRASIL DEL SIGLO XXI

---

*Cláudio Cardoso de Paiva\**

**Resumo:** Este artigo procura refletir sobre o estado da arte pós-moderna na cultura brasileira. O povo brasileiro é conhecido pelo “jogo de cintura” diante das adversidades, perspicácia para se adaptar às mudanças e se distingue pela forma como vive (e sobrevive), nos espaços e tempos regidos, simultaneamente, pelas estruturas medievais, industriais e pós-modernas. Eis uma experiência cultural híbrida, multiétnica e multissensorial, em que se mesclam a “naturalização da cultura” e o “ethos midiaticizado”, num contexto socioeconômico em que tudo parece ao mesmo tempo farto e precário, *fake e hiperreal*, e isso estranhamente não afeta os vínculos comunitários, mas ao contrário, de certa forma assegura a polivalência da socialidade cotidiana.

**Palavras-chave:** Imaginário; culturalização; barroco.

**Abstract:** This article seeks to reflect on the state of art of postmodernity in Brazilian culture. The Brazilian people are known for “jogo de cintura” face of adversity, acumen to adapt to change and is distinguished by the way you live (and survive), governed in space and time, both the medieval, industrial structures and postmodern. Here is a hybrid cultural experience, multi-ethnic, multi-sensory, that mixes the “culture of naturalization” and “ethos mediatized” in a socioeconomic context in which everything looks the same tired and precarious time, fake and hyperreal, and it strangely does not affect Community links, but rather in a way ensures the versatility of everyday sociality.

**Keywords:** Imaginary; culturalization; baroque.

### Introdução

Os termos “neobarroco” e “neopop” servem como luvas para se descrever o espírito do tempo na era da volatilidade, transitoriedade e contágio dos produtos culturais pela lógica efêmera do mercado e do consumo (pós)massivo e espetacularizado. E traduzem a estrutura das sensações, emoções e sentimentos da hipermodernidade, influenciando nos modos como os atores sociais experimentam o mundo vivido. Mostram-se adequados para traduzir o estado da arte da cultura na era do “pós-tudo”, como uma alavanca epistemológica para apreender o sentido

das experiências, fenômenos e processos em ágil circulação na esfera dos mercados, da cultura política e vida social, que, atravessados pelas hipermídias, geram significações ainda por serem decifradas.

Mas é preciso um “anagrama”, como diria Deleuze (1988), para tecer uma formulação teórica para se compreender a lógica de sentido da efervescência cotidiana. Aqui, particularmente, o caso do Brasil pode servir de norte para uma problematização do espírito do tempo. Tecnologia avançada e analfabetismo funcional, neoliberalismo econômico e alta concentração de renda. Cidades belas, funcionais, inteligentes, mas blindadas, perigosas e vigiadas. Nas ruas e nas esquinas urbanas, como na internet e redes sociais, agitam-se as imagens do sublime e o grotesco, o diabólico e o angelical, perfis e *hashtags* das chamadas “almas sebosas” e dos espíritos elevados.

As ruínas das instituições tradicionais, família, escola, burocracia, federação etc obrigam os cidadãos a inventarem novas formas associativas. O sonho feliz da cidade grande era sólido e se desmanchou. Na nova cartografia urbana, os condomínios fechados e as favelas recicladas atualizam a geopolítica paradoxal da “casa grande e senzala”. Ao mesmo tempo, nos domínios dos afetos, sexualidade, cognição, trabalho, lazer, os indivíduos em rede, reinventam o seu *modus operandi*, modelando uma “estilística da existência”.

A ambiência contemporânea parece pop, barroca, maneirista, rococó também pela saturação, excesso, aceleração e velocidade. Umberto Eco (1984) diagnosticou o século XX como a “era do infarto”, e o século XXI demanda outra metáfora, e assim, a “era do Parkinson” (e do esquecimento) pode servir de alerta, porque a “bomba informática” (Virilio) gera contrainformação, muito embora a memória dos jovens aficionados nos games surpreendam, os pais, pedagogos, professores, os especialistas em ciência cognitiva, artistas, estetas e novos criadores no âmbito da cultura digital.

A rigor deveríamos digitar a expressão “neopop” para atualizar o termo “neobarroco” de Calabrese (1988), que traduz um “ar do tempo que se alastra a muitos fenômenos culturais, em todos os campos do saber”. O termo neopop de certo modo atualiza e ultrapassa a expressão “pós-moderno” e traduz, ao seu modo, o mar de simulacros e simulações da sociedade de consumo (BAUDRILLARD, 1993), o “império do fake” (Eco), “a segunda natureza” (Jamelson), o culto exacerbado das imagens e sons nas metrópoles. Em outro registro, mas similar, nada mais pop que os argumentos de Maffesoli, apreciando o atual e cotidiano, na expressão “barroquização do mundo”, para se entender a experiência do sensível, “reino da aparência”, “pluralismo e conjunção”, a “vida como forma de arte”.

Os experts em história da arte descrevem a *aura* barroca como ilusão de ótica, *trompe l’oeil*, vertigem, movimento, abundância de cores, volumes

e formas. Uma longa tradição de estetas, críticos, pensadores legaram-nos relatos de uma vigorosa odisséia do barroco. Tapié, D'ors, Bazin, Wolfflin, Gombrich, etc. de uma maneira clássica-moderna compreendem o barroco, para além do simples registro de um período estético catalogado no museu, uma escola literária ou estilo artístico. Contudo, a repetição tende a matar o sentido da diferença e a originalidade dos termos, e de algum modo o barroco também ficou "fora de moda", além de exagerar no culto espiritual dos objetos.

Com o advento do computador e a cultura de convergência (JENKINS), o neopop revela o vigor aglutinante e multiplicador; os "atratores estranhos" da cibercultura compactam e desfragmentam as informações e turbinam as potências lúdicas e cognitivas do nosso tempo.

Convém reconhecer os sinais de uma sensibilidade pop que retorna, quando as tensões e conflitos se intensificam, exigindo novos parâmetros que aqueçam as frias lógicas racionais e incluam o campo dos afetos. Daí a pertinência do termo "razão sensível" (MAFFESOLI, 2014), para capturar o sentido do trágico contemporâneo, e as "estratégias sensíveis" (MUNIZ SODRÉ, 2002), para observar as interfaces da mídia, afeto e política na dita "sociedade da comunicação".

### **O Brasil é neobarroco, é pop e não poupa ninguém**

Desde os modernistas (da *Semana de Arte Moderna*, 1922) passando pelos concretistas, os tropicalistas e o universo barroco na ficção das telenovelas, temos um percurso curioso: a inversão dos valores, a mistura dos estilos da linguagem oral e escrita, a preocupação com a visualidade são instâncias permanentes na história da cultura brasileira, as quais definem o fenômeno conhecido por *carnavalização*. Esta atitude estética encontra as suas raízes na tradição popular, na excitação do mundo *de ponta à cabeça* no mês de fevereiro, na apreensão dos modelos estrangeiros e sua adaptação à moda da casa, assim como na atualização do arcaico no curso das práticas cotidianas, encontramos este recurso que faz parte do repertório do país. A diversidade faz a dinâmica dos traços barrocos da cultura brasileira, na qual as razões e paixões do cotidiano nacional foram sempre projetadas nos domínios do saber, da arte, das religiões e da política. Desde o século XVI, de *Gregório de Matos*, o *Boca do Inferno*, até às alegorias carnavalescas de *Joãozinho Trinta* e à poética das canções de *Caetano Veloso*, *Titãs* e experiências musicais *Mangue Beat* reencontramos a irrupção desta sensibilidade. (PAIVA, 1996)

O espírito pop, neobarroco, rococó hoje remete aos portais da cultura sociotécnica do youtube, twitter, facebook, algo como aquilo que os modernos chamavam de "civilização da imagem". As palavras *imago*, *eidolon*,

clichês e arquétipos traduzem teoricamente as experiências sensíveis que organizaram o imaginário popular de todas as épocas. Logo, migramos para o Brasil, por definição “o país dos contrastes”, e principalmente criativo no que respeita à vida social e exuberante em relação à sua rica imaginação criadora, inventividade e produção audiovisual.

O povo brasileiro é conhecido pelo “jogo de cintura” diante das adversidades, perspicácia para se adaptar às mudanças e se distingue pela forma como vive (e sobrevive), nos espaços e tempos regidos, simultaneamente, pelas estruturas medievais, industriais e pós-modernas.

Eis uma experiência cultural híbrida, multiétnica e multissensorial, em que se mesclam a “naturalização da cultura” e o “ethos midiático”, num contexto socioeconômico em que tudo parece ao mesmo tempo farto e precário, *fake e hiperreal*, e isso estranhamente não afeta os vínculos comunitários, mas ao contrário, de certa forma assegura a polivalência da socialidade cotidiana.

Neste país pop, neobarroco, pós-moderno “avant la lettre”, o dito “laboratório da pós-modernidade”, a simbiose entre o atual e o virtual, o animal e o digital, o carnal e o pós-orgânico, adiciona mais uma camada semiótica à colcha de retalhos no repertório imaginal do velho barroco.

Para se entender a natureza híbrida desse processo, tem-se recorrido à filosofia e história da cultura. Como Benjamin (estudioso do “drama barroco alemão”), que percebe a “destruição da aura” e a “reprodutibilidade técnica” como fatores de destruição e remodelação ético-estética.

E como McLuhan (1968), o filósofo pop da mídia (inspirado em Theillard de Chardin), que compreende “os meios de comunicação como extensões dos homens”, os efeitos da Galáxia de Gutemberg, da “aldeia global” e os padrões de conexão dos neurônios com os estímulos eletrônicos. Ambos percebem os signos da barbárie como parte integrante do processo civilizatório. Assim, o que foi barroco na modernidade, retorna na pós-modernidade com outra roupagem, mas a essência do paradoxo barroco permanece, assimilando a vertente pop de cada estágio cultural.

Após o contributo de Nietzsche e o seu resgate pela filosofia nômade de Deleuze, o pensador pop do século XXI, o retorno do barroco se nos revela nas “imagens-tempo” dos “mil platôs”, “rizomas”, fluxos, dobras, cartografias, subjetividades e máquinas desejantes, um presságio da nossa era da virtualidade real.

Logo, com base nos insights filosóficos, estéticos, sociológicos, miramos a complexidade do imaginário e a ambiência multicultural brasileira, examinando a sua irradiação pop no espaço polimorfo do ciberespaço, internet e comunicação colaborativa das redes sociais, como o facebook.

## Protestos urbanos e ciberativismo no país do futebol e do carnaval

O ano de 2014 é um ano paradoxal no Brasil: copa do mundo, protestos de rua e eleições gerais concentram atenções e interesses conflitantes. Os ricos se protegem nas fortalezas de aço e vidro, e as comunidades pobres, indignadas enfrentam as lógicas da dominação (do Estado, corporações, narcotraficantes e milicianos), numa batalha corporal e virtual. (O conteúdo da linguagem nas faixas dos manifestantes traduz o sentido do fenômeno: “#NósSomosRedeSocial”).

Desde junho de 2013, há passeatas, protestos, ocupações, truculência policial, resistência e ativismo social, tudo isso relembra aspectos de “maio 1968”. Entretanto, não há a figura do líder, uma causa única, bandeira ou palavra de ordem monológica que norteie as tribos rebeldes. Há uma proliferação de motivações difusas, reivindicações pluralistas. Médicos, Sem-Terra, funcionários públicos, pequenos produtores, policiais civis, latifundiários formam uma amálgama de discursos e imagens, cujas causas, interesses e expectativas são diversificados. Para além das profissões e preferências, os rebeldes se reúnem ao mesmo tempo na praça pública e na *agora* midiaticizada, reciclando e irradiando uma sinergia pop, regada ao som do funk, Zeca Pagodinho e Amy Winehouse.

O espaço público físico se estende no mundo virtual do ciberespaço, o que indica uma metamorfose na cultura pop da nova era. Trocando-se a utopia pela distopia, atua-se em toda parte e em lugar nenhum. Na era da comunicação interativa, os cibermilitantes transitam da internet à rua e vice-versa, enfrentam as corporações, derrubam oligopólios, fazem a reforma agrária no ar. E para o melhor e para o pior, logo se tornarão “slogans xinfrosos nas camisas dos youppies descolados”.

A nova simbiose entre atores e redes, homens e máquinas, gera novos agentes biopolíticos que desestabilizam as configurações políticas arcáicas, o macropoder do *stablishment* e o *mainstream* midiático; as corporações poderosas sucumbem às ações dos hackers. E esta é uma convergência irônica, pois a massa crítica tende a alimentar as vicissitudes do capital.

A propósito, a famosa máscara de Guy Fawkes (do filme “V de Vingança”) tornou-se a marca registrada das tribos rebeldes do planeta. Julian Assange (Wikileaks) e Edward Snowden (hacker) são os anti-heróis reverenciados pelas legiões de *nerds*, ciberpiratas e netativistas em todo o mundo, porque conjugam a razão cibernética e a experiência lúdica, porque suas ações encarnam as imagens-fetichismo dos fãs de ficção, filmes de espionagem e ação. O cinema 3D, games, smartphones, máscaras e câmeras digitais nutrem o imaginário da “geração ponto com”, fascinada pelos efeitos do ilusionismo ótico e da sensorialidade. O espírito de aventura e transgressão da geração digital é uma resposta ao conformismo

dos youppies dos anos 80/90. Tudo isso, pode ser uma tendência, um estado da alma em fase de revolta, mas o fato é que os protestos, em sua pluridiversidade, estão por toda parte (EUA, Europa, países árabes e América Latina, incluindo o Brasil). E têm sido exitosos. Nômades, ativos, bem informados, os netativistas destroem por dentro os sistemas blindados. E, uma bacia semântica inteira se instala na semiurgia contemporânea. As insurgências orgânicas, biopolíticas, engendram novas linguagens e ações, como estratégia do *copyleft*, cultura *wiki*, *open source*, *crowdfunding*, a parte lógica do caos contracultural que antecipa a nova ordem cultural.

Silenciosamente uma revolução inteira parece estar acontecendo. É como se Pasteur retornasse no tempo, com suas lentes visionárias descobrindo micróbios e bactérias. A matriz da cibercultura é numérica, matemática, mas é filosófica e ontologicamente anárquica, libertária e performativa; é comunitária, gregária e tribalista. A Galáxia de Gutemberg (MCLUHAN, 1968) era fria, vertical, concentrada, e a Galaxia Internet (CASTELLS, 2001), por sua vez, é quente, transversal e interativa.

### **Conectividade, mobilidade, ubiquidade do cyperpop**

Michel Foucault (em *Vigiar e punir*, 1979) alertou para o “panóptico” (o olho grande do Big Brother), estudando a “sociedade disciplinar” (século XIX) e decifrou “a ordem dos discursos” que regem a “sociedade de controle” (século XX/XXI). As estratégias de visibilidade e vigilância exercidas pelos cidadãos criaram a experiência do “sinóptico” (visão pública e empoderamento social), na era da transparência total, favorecendo o exercício da autonomia, direito à diferença e à liberdade.

Como diria Guattari, os inconscientes protestam. Metroviários, estudantes, professores, afrodescendentes, aposentados, índios, gays, evangélicos, vadias e lixeiros compõem uma polifonia de vozes a protestar sem fim. Enquanto isso, o bigdata gera megabytes de informação por segundo, um volume extraordinário de notícias em circulação no presente contínuo das infovias, propiciando um vertiginoso “carnaval de imagens”, que os atores transformam em cognição estética e sensorial.

A imprensa internacional mostrou novas cenas de conflito em Brasília (capital da República). Desta vez, os índios armados de arcos e flechas enfrentaram os policiais com bombas de gás. Essas imagens circulam pelas capilaridades da comunicação compartilhada, gerando nuvens de dados, comunidades virtuais, adesões transnacionais às causas indígena e ecológica.

Os índios ressurgem da pré-história do imaginário brasileiro, fazem-se visíveis e ocupam a Praça dos Três Poderes, tornando-se a vanguarda da luta ecológica mundial, em defesa dos territórios, rios e florestas. Armados de celulares, câmeras e internet flagram e compartilham nas

autoestradas da informação as imagens da violência, desmatamento, destruição e depredação do meio ambiente. Na arena neobarroca, os rivais se encontram e se confrontam. A luta pela terra, a defesa da Amazônia, o litígio entre posseiros e ruralistas, compõem um cenário de quase guerra civil. E o principal nessa experiência é o despertar da consciência ecológica, afetando os domínios do trabalho, vida e linguagem, mas basicamente despertam os habitantes da Terra-Pátria do “sono antropológico”, abrindo-lhes as portas da percepção para outros níveis de complexidade ontológica. Tudo isso vai entrar na diversificada agenda política e protestos das tribos urbanas no século XXI.

### **Transfiguração da política, tribos urbanas e redes sociais**

Nos centros e na periferia das cidades, o funk, o samba e o encontro dominical, regado à caipirinha, fazem parte dos rituais coletivos atuais. O churrasquinho, em cada esquina nas cidades do Brasil, reforça o calor dos laços comunitários, subvertendo o conceito frio das “selvas de pedra”.

Há algo de lúdico, dionisiaco, criativo, vitalista, neobarroco, na micropolítica brasileira. Há um formidável “mistério das conjunções”, incompreensível para as mentes esclarecidas pelo sol da razão iluminista; há tensão, conflito, ira e descontentamento, mas o barril de pólvora não explode.

Existe uma “transfiguração do político” na paisagem brasileira. A representação política tradicional está em crise e em seu lugar há novas articulações etico-políticas, que passam pelo viés da cultura artística, ecologia midiática e ação colaborativa, apoiadas em estratégias financeiras alternativas (*crowdfunding*). Exemplos afirmativos, nessa direção são os pontos de cultura instalados nas periferias das cidades brasileiras, iniciativas que driblam os esquemas do capitalismo globalitário, e criam nichos alternativos de produção e distribuição, usando os meios digitais. Distingue-se aqui uma experiência de politização do cotidiano, não muito diferente do que ocorre em outros países, uma estratégia pop de comunicação alternativa que dá voz aos excluídos.

### **Greve dos garis no carnaval do Rio de Janeiro**

Durante o carnaval do Rio de Janeiro, os garis fizeram greve, enfrentaram os poderes locais e usando câmeras digitais, internet e smartphones, conseguiram atingir os seus objetivos. As manchetes dos jornais estamparam as fotos do lixo acumulado no calor do carnaval do Rio, em 2014, e os lixeiros protestando no asfalto; em seguida, as imagens exibiram cenas comemorativas após a vitória dos grevistas, que sambaram felizes e bêbados na avenida, fazendo o seu próprio carnaval.

Na “idade mídia”, era digital, neopop, neobarroca, há uma

multiplicação de imagens, vozes, narrativas, atuando rizomaticamente, em mil direções, a partir da cognição coletiva conectada das redes sociais. O twitter, o facebook e o youtube acolhem os protestos e indignações em megabytes e os viralizam. Os atores-em-redes, avatares e actantes (LATOIR) não cessam de desfazer as barreiras antigas, refazendo os laços comunitários de modo presencial e virtual.

Durante a Copa do Mundo, os protestos persistiram, ressoaram vaias e impropérios contra a Presidente da República, Dilma Youssef e o seu séquito no estádio lotado pelos VIPs, no dia da abertura; do lado de fora, manifestantes reclamaram do alto custo das obras pagas com verbas públicas, carestia dos ingressos e desrespeito da FIFA para com os interesses nacionais.

Assistimos pela TV às imagens de violência durante as manifestações contrárias e nas redes sociais proliferaram as hashtags indignadas: “queremos #padrão FIFA para a educação”; “#não vai ter copa; #vai ter copa”, etc. Mas, a cada gol, a comunidade, interligada em “aldeia global”, explode feliz, no êxtase da comemoração.

No enredamento da copa do mundo, protestos urbanos e eleições políticas há uma complexa transversalidade de desejos, pulsões, interesses e afetividades. Há algo irregular, bizarro, barroco (para os padrões místico-carnavalescos brasileiros) no fato do primeiro gol, no primeiro jogo (Brasil e Croácia 3 X 1), ser justamente um gol-contrário brasileiro; e não se sabe das consequências caso o time auri-verde tivesse perdido a partida. O fato é que há sobretudo o júbilo de “estar-junto”, o conforto da “cola social”, a orgiástica experiência da socialidade e a satisfação no pertencimento.

### **A copa do mundo, a sinergia, o êxtase e a fúria das massas**

Com efeito, o carnaval, o futebol e o candomblé foram referências para referir o ethos barroco brasileiro no cinema mundial. Orfeu do carnaval e O Pagador de Promessas, filmes premiados em Cannes e conhecidos pelos cinéfilos franceses, atestam o sincretismo de formas e sentidos que conferem ao Brasil os epítetos de neopop, neobarroco, etc.

O que define o barroco é a coincidência dos opostos, os grandes contrastes, a aproximação dos contrários, a conjugação da sensualidade com o misticismo e o lúdico na vida cotidiana, que em outras culturas seriam regidos pela razão utilitária, pragmatismo e vontade de poder. Mas hoje, pelo menos no Brasil, é preciso atualizar essa alegoria. Conviria perceber algumas especificidades de ordem cognitiva, estética e ético-política, que distingue o Brasil do passado (periférico, dependente, colonizado) e o Brasil de 2015 (economia emergente, balança comercial ascendente, referência artística global). O ano passado foi de Copa do Mundo e Eleições gerais, mas também um período de manifestações e protestos. Trata-se do



neobarroco, que assume suas formas explosivas e que tende a se tornar neopop nas capas de revistas e na linha de tempo dos sites e portais.

Há um grito nas ruas. Narrativas inscritas nos cartazes, discursos, memes e hastags na linha de tempo das redes sintetizam a nova imagem do Brasil: #o gigante acordou. Essa imagem, dentre outras, indica uma nova ética-estética, ossatura simbólica que orienta o ethos e o imaginário no Brasil do século XXI. Carne e pedra, sangue, suor e silício, avatares e máquinas interativas configuram a nova ambiência ecológico-comunicacional, novas formas comunicativas do habitar (Di Felice), espectro de politização do cotidiano, retorno do social à praça pública, com tudo o que isso implica de maravilha e calamidade, sob o signo do neopop e barroquização total.

Entretanto, convém perceber o pop como uma sensibilidade que expressa de maneira extemporânea (em todas as épocas e todos os lugares), funcionando como um dispositivo que faz a liquefação dos fenômenos, substâncias, afetos e acontecimentos opostos, antitéticos, contraditórios.

De algum modo, o neopop e neobarroco incorporam simultaneamente o apolíneo (idealismo, ordem, conceitualismo, harmonia) e o dionisíaco (organicidade, desordem criativa, ceticismo, caos fundador). São termos que provisoriamente revelam o sintoma de uma “civilização místico-tecnológica” que se equilibra com base em valores ligados – ao mesmo tempo – ao alto celestial e ao baixo material (vide os fundamentalismos religiosos e de mercado, em vigor, faces opostas de uma mesma moeda).

Sístole e diástole, introspecção e extroversão, fascínio e horror são ações, reações, afetos, emoções, sensações e sentimentos que se projetam nos instantes diversos da vida vivida, e também nos objetos, entidades e ambientes que nos envolvem. Talvez tudo isso se torne mais evidente nas artes e técnicas efêmeras, que se projetam nas telas divinas e demoníacas das redes sociais.

Na sociedade hipermediatizada o fenômeno de coincidência dos opostos opera com mais rapidez e intensidade, e suas consequências podem ser nefastas ou benéficas. Hoje, no caso, do Brasil, percebemos a conjunção de forças distintas que convergem, gerando efeitos inusitados. Mercado e política, moda e conhecimento, natureza e tecnologia, ciência e religião etc são polarizações que têm sido relativizadas e cuja aproximação das fronteiras tem criado situações imprevistas e que afetam os indivíduos e grupos humanos na tessitura da convivência social.

## **Para concluir**

Não me iludo / Tudo permanecerá do jeito /Que tem sido /  
Transcorrendo, transformando /Tempo e espaço  
navegando em todos os sentidos  
Tempo Rei, Gilberto Gil, 1984<sup>1</sup>

A letra da canção de Gilberto Gil, “Tempo Rei”, citada acima como epígrafe, remete ao enfoque do tema (neo)barroco, no contexto do Brasil e da contemporaneidade, especificamente com ênfase nas interfaces dos afetos sociais, tecnologia da comunicação e cultura política. Sua pertinência reside em abrir um intervalo poético-filosófico para glorificar a dimensão do Kairós.

Logo, permite-nos, primeiramente, relativizar as modulações e intensidades da experiência que temos chamado de “neopop” e “neobarroca”. Assim, na tradição clássica, o barroco aparece como estranheza e irregularidade, mas na modernidade adquiriu o status de um gênero artístico que goza de prestígio. Por sua vez, na alta modernidade (dos anos 60/70), o pop aglutinou todas as tendências, em seus matizes de “pureza e perigo”, dessacralizou as verdades e mentiras ideológicas, artísticas, musicais, atendendo ao apelo dos jovens e disseminou os seus signos e simulacros no liquidificador mercadológico. Quanto às artes do vídeo, o pós-cinema e a pós-TV, os observadores e críticos da cultura do pós tudo se encarregariam – posteriormente – de decifrar o seu significado.

E na pós-modernidade, período nublado que poderíamos situar a partir da inserção das redes sociais telemáticas no cotidiano, o neobarroco e o neopop podem servir de parâmetro de julgamento do gosto. O barroco, que fora considerado em suas variações maneirista e rococó, vai reaparecer mais recentemente, em analogia com o kitsch, o grotesco e o brega. Mas será preciso reconsiderar a vertente do pop para depurar a dimensão do preconceito e ressentimento, porque é preciso respeitar as expressões e escolhas dos jovens informados pela cultura midiática audiovisual e digital.

Evidentemente, tudo isso passa pelo crivo dos conflitos de interesses estéticos, ético-políticos e mercadológicos.

A citação de Gil é relevante, pois traduz o aspecto da permanente transformação gerada pela troca do poder de Cronos (o tempo capital) pelo Kairós (o tempo da vida). Assim, outra vez resgata o espírito barroco naquilo que este tem de agregação do orgânico e do inorgânico, e igualmente em relação ao fenômeno da metamorfose (nascimento, crescimento, velhice, morte e transmutação), que acomete os humanos. Vide a experiência da cibercultura, cultura na era da virtualidade real, que enfrenta o poder da tecnocracia autoritária e impõe um novo estilo de vida, governado pela inteligência cognitiva, agenciamento social e participação política.

E enfim, os versos da canção, mediados por uma sensibilidade pop, falam sobre “o fim da ilusão” acerca da idéia de infinitude, e ao mesmo tempo, sobre a transformação permanente e a “navegação em todos os sentidos”. Logo, serve como janela interpretativa para se apreciar a condição (pós)humana na cibercultura, a crise dos poderes hegemônicos e as estratégias de empoderamento das maiorias indignadas e furiosas, no sec.XXI.

## Notas

\* Doutor em Sciences Sociales pela Université de Paris V (Rene Descartes). Professor do Departamento de Comunicação, Centro de Comunicação, Turismo e Artes, CCTA; Programa de Pós-Graduação em Comunicação; Mestrado Profissional em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: claudiocpaiva@yahoo.com.br

<sup>1</sup> Cf. YouTube, <http://migre.me/jQqac>; 15 jun.2014.

## Referências

- BAUDRILLARD, Jean. **Cool Memories**. I et II. Paris: Galilée, 1993.
- CABRAL, Muniz Sodré de Araújo; SOARES, Raquel Paiva de Araújo. **O Império do Grotesco**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- CASTELLS, Manuel. **The internet galaxy**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DELEUZE, Gilles. *Le Pli*. **Leibniz et le baroque**. Paris: Ed. Minuit, 1988.
- ECO, Umberto. **La guerre du faux**. Paris: Grasset, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- MCLUHAN, Marshall. **Pour comprendre les média**. Paris: Seuil: 1968
- MAFFESOLI, Michel. **Le Brésil est le pays de l'harmonie conflictuelle**. In: Le Figaro, 12 jun. 2014.
- PAIVA, C.C. "Racines et antennes du Brésil". In: **Cahiers de l'imaginaire**, nº 13.
- \_\_\_\_\_. **Dionísio na Idade Mídia**. João pessoa: UFPB, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Hermes no Ciberespaço**. João Pessoa: UFPB, 2013.

Recebido em: junho de 2015.  
Aprovado em: julho de 2015.